

MATERIAL DE APOIO - LICENCIATURA EM HISTÓRIA		DISCIPLINA:	
PROFESSOR: Dr. Leonildo José Figueira	PERÍODO:	DATA:	
ESTUDANTE:			

NECROPOLÍTICA, BIOPODER E COLONIALIDADE: UMA LEITURA PARA COMPREENDER O PODER NA CONTEMPORANEIDADE

A compreensão das formas de poder no mundo contemporâneo exige um deslocamento teórico importante: sair de modelos exclusivamente europeus de análise e considerar experiências históricas marcadas pela escravidão, colonização e desigualdade racial. Nesse sentido, o ensaio *Necropolítica*, de Achille Mbembe, e suas releituras contemporâneas, como o artigo de Fátima Lima, oferecem ferramentas fundamentais para pensar como a vida e a morte são organizadas politicamente.

O ponto de partida dessa discussão está no conceito de biopoder, desenvolvido por Michel Foucault. Para o filósofo francês, a modernidade inaugura uma nova forma de exercício do poder: em vez de se limitar a “tirar a vida”, o poder passa a administrar a vida. Surge então a biopolítica, isto é, um conjunto de técnicas voltadas para a gestão da população, controle da natalidade, da saúde, da mortalidade, da sexualidade e das condições de vida. O poder, nesse contexto, torna-se produtivo, pois organiza e regula a vida social.

No entanto, essa perspectiva encontra limites quando confrontada com determinadas realidades históricas. Mbembe propõe um deslocamento fundamental ao perguntar se o conceito de biopolítica é suficiente para explicar situações em que o poder não apenas administra a vida, mas produz diretamente a morte. É a partir dessa crítica que surge o conceito de necropolítica, entendido como o poder de decidir “quem pode viver e quem deve morrer”.

A necropolítica não se restringe ao ato direto de matar. Ela envolve a criação de condições em que determinadas populações são expostas à morte, seja por abandono, precarização, violência sistemática ou confinamento em espaços de risco. Assim, o poder não atua apenas sobre a vida, mas organiza a distribuição da morte de maneira desigual.

Um dos elementos centrais para essa organização é o racismo. Já em Foucault, o racismo aparece como um mecanismo que permite ao Estado dividir a população entre aqueles que devem viver e aqueles que podem morrer. Mbembe aprofunda essa análise ao afirmar que o racismo é o motor da necropolítica. Ele não é apenas uma ideologia ou preconceito, mas uma tecnologia de poder, que legitima a eliminação ou a exposição à morte de certos grupos.

Essa lógica se torna especialmente evidente na história da escravidão. Mbembe descreve a condição do escravizado como marcada por uma “tripla perda”: perda do lar, do controle sobre o corpo e do status político. O resultado é aquilo que ele chama de morte social, uma existência biologicamente viva, mas politicamente morta. O sistema de plantation (plantação escravista) constitui, assim, um dos primeiros laboratórios da necropolítica, onde a vida humana é reduzida a propriedade e submetida a uma violência contínua.

A colonização amplia essa lógica. Nas colônias, o estado de exceção, isto é, a suspensão das leis, torna-se permanente. O colonizado vive fora da proteção jurídica plena, e a violência se torna um elemento estrutural da ordem social. Nesse sentido, a modernidade não pode ser entendida apenas como um projeto de liberdade e racionalidade, mas também como um sistema que produz e legitima a violência em larga escala.

Essa análise permite compreender fenômenos históricos como o nazismo não como uma ruptura total, mas como a radicalização de práticas já experimentadas no contexto colonial. A industrialização da morte, a burocratização do extermínio e a racialização do inimigo possuem antecedentes nas práticas coloniais e escravistas.

A contribuição do artigo de Fátima Lima é aprofundar essa discussão ao propor o conceito de bio-necropolítica. Em vez de pensar biopolítica e necropolítica como opostas, ela sugere que ambas operam simultaneamente. O poder contemporâneo, portanto, administra a vida de alguns enquanto expõe outros à morte. Essa articulação é particularmente útil para analisar contextos como o brasileiro, onde a gestão da vida convive com a produção sistemática da morte, especialmente entre populações negras e periféricas.

No caso do Brasil, a herança da escravidão e da colonização se manifesta na persistência de desigualdades raciais profundas. A violência letal, a precarização das condições de vida e a marginalização social revelam a existência de um regime em que certas vidas são consideradas menos valiosas e mais descartáveis. Esse fenômeno tem sido descrito como uma forma de genocídio da população negra, evidenciando a atualidade do conceito de necropolítica.

Outro ponto importante é a noção de colonialidade, que indica a continuidade das estruturas de poder colonial mesmo após o fim formal do colonialismo. As hierarquias raciais, econômicas e políticas estabelecidas no período colonial continuam a organizar as relações sociais contemporâneas, tanto na África quanto nas Américas. Assim, a necropolítica não é um fenômeno restrito ao passado, mas uma dimensão constitutiva do presente.

Por fim, a reflexão de Mbembe nos obriga a reconsiderar a própria definição de política. Longe de ser apenas um espaço de racionalidade e consenso, a política aparece como um campo marcado por conflitos, exclusões e violência. Em muitos casos, ela se aproxima da guerra, na medida em que envolve a definição de inimigos e a legitimação da sua eliminação. Dessa forma, a leitura de *Necropolítica* e de seus desdobramentos contemporâneos permite compreender que a modernidade não é apenas um projeto de vida, mas também um sistema de morte. Para a História da África Contemporânea, isso é fundamental, pois recoloca o continente e suas experiências no centro da análise, revelando que a violência colonial e racial não é periférica, mas estruturante do mundo moderno.

FIGUEIRA, Leonildo José. **Necropolítica, biopoder e colonialidade: uma leitura para compreensão do poder na contemporaneidade**. Material de apoio. Disciplina: História da África Contemporânea. Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná. 2026

BIBLIOGRAFIA:

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

_____. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975–1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LIMA, Fátima. **Bio-necropolítica: diálogos entre Michel Foucault e Achille Mbembe**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, Rio de Janeiro, v. 70, n. especial, p. 20–33, 2018.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

QUESTÕES REFLEXIVAS:

- 1) Como Achille Mbembe reformula o conceito de soberania a partir da noção de necropolítica, e em que medida essa reformulação amplia ou critica a ideia de biopoder desenvolvida por Michel Foucault?
- 2) De que forma a escravidão e o colonialismo aparecem, no texto, como experiências fundamentais para a compreensão da necropolítica? Explique o conceito de “morte social” e sua relevância nessa análise.
- 3) O conceito de bio-necropolítica propõe que a gestão da vida e da morte operam simultaneamente nas sociedades contemporâneas. A partir do texto, discuta como essa ideia pode ser aplicada à realidade brasileira.